



Building a competitive African cashew industry!

Edição 17

Novembro de 2011

www.africancashewalliance.com

Nesta edição

A Primeira Expo Mundial do Caju gera enorme quantidade de vendas de maquinário de processamento 2

Força-Tarefa Global do Caju: Uma entrevista com Pino Calcagni 3

Minata Kone eleita para o Comitê Executivo da ACA 3

O processamento da fruta do caju cria renda adicional e nutrição 4



Opportunities de estabelecimento de contatos internacionais durante a Conferência Anual da ACA, setembro de 2011

“Eu vim para a Conferência da ACA com a mente aberta e sem expectativas predefinidas. Eu vou embora em estado de total encantamento. A amplitude dos tópicos e a profundidade do conhecimento é espantosa!”



Supported by

O Mundo do Caju se Reúne na Gâmbia para a 6ª Conferência Anual da ACA

A 6ª Conferência Anual da ACA, realizada de 19 a 22 de setembro de 2011 em Banjul, na Gâmbia, foi um evento sem precedentes, ultrapassando até mesmo as expectativas mais otimistas. A conferência foi um dos maiores encontros de atores do setor do caju da história, com **mais de 360 participantes vindos de 34 países**. Isto representa um aumento de 75% na participação desde a última conferência. Todos os elementos-chave de toda a cadeia de valor do caju estavam representados, desde pequenos produtores rurais até os principais processadores e compradores de caju dos Estados Unidos, da Europa, do Brasil, da Índia e do Vietnã. A conferência mais do que cumpriu com as expectativas do seu tema visionário: “Reunindo o Mundo do Caju”.



Os produtores rurais participaram nas atividades de interpretação de papéis durante o Fórum Mundial do Caju

A conferência contou com **apresentações feitas por 60 especialistas internacionais sobre as últimas tendências** no setor global do caju. “A Sessão Plenária foi extraordinária”, disse um produtor rural da Gâmbia. “Ela reuniu pessoas de tantos países e experiências de vida, a partir das quais deu para aprender muito”. O Fórum Mundial do Caju permitiu que os participantes se engajassem ativamente nas discussões, em demonstrações e em interpretações de papéis em grupos pequenos. Os tópicos discutidos incluíram técnicas inovadoras de produção agrícola, com o objetivo de melhorar o volume e a qualidade da produção, as novas oportunidades de mercado para o caju africano, as inovações mais recentes na tecnologia de processamento de caju e as estratégias para aumentar o acesso ao financiamento.

Além disso, também foram organizados mais de **300 encontros de empresa a empresa (Business2Business)**, juntando parceiros de negócios em potencial e facilitando negócios que se estendem por todos os continentes. As oportunidades de estabelecimento de contatos oferecidas pela conferência foram de valor inestimável para muitos participantes. Um comercializador do Gana afirmou: “Eu me encontrei com fabricantes de equipamentos e importadores de caju tanto in natura quanto processado. Por causa disso, os meus negócios definitivamente entrarão mais no setor do caju”.

A ACA está interessada em expandir este evento com base no enorme sucesso deste ano e já prepara a 7ª Conferência Anual da ACA, a ser realizada em Cotonu, no Benim, de 18 a 20 de setembro de 2012.

A Intersnack está Impressionada com o Lançamento do Selo da ACA

Jacqueline van Laarhoven, Intersnack Origin Development Manager Africa

Em um momento monumental do setor africano do caju, o Selo da ACA de Qualidade e Sustentabilidade foi lançado no dia 20 de setembro de 2011 durante a Conferência da ACA em Banjul. Durante o evento, a Intersnack e a Kraft Foods assinaram um Memorando de Entendimento em apoio ao desenvolvimento do Selo.

A Intersnack é um dos principais fabricantes europeus de petiscos aromáticos com as suas 25 plantas de produção em toda a Europa, oito das quais processadoras de castanhas. A Intersnack comercializa castanhas através de várias marcas como *ültje* e *Felix* e é o principal fornecedor de castanhas para outras marcas de rótulos privados na Europa. *Continua na página 2*



Idrissa Kilangi, Presidente da ACA, Chris Nubern, Diretor da Kraft Foods, e Arie Endendijk, Diretor de Compras da Intersnack, assinam um Memorando de Entendimento em apoio ao Selo da ACA

O Selo da ACA de Qualidade e Sustentabilidade foi Lançado com o Apoio da Kraft da Intersnack

Continuação da página 1 - O caju é a segunda castanha mais importante para a Intersnack em termos de volume. A empresa obtém os cajus do Brasil, da Índia, do Vietnã e, até o momento só de forma limitada, da África. Do ponto de vista da sustentabilidade, a empresa considera muito importante comprar amêndoas de caju o mais próximo possível da fonte do caju in natura. A Intersnack, portanto, está muito motivada em promover os cajus da África como sua escolha de origem. Mas, é claro, tais produtos devem cumprir com as exigências dos clientes na Europa em relação à segurança dos alimentos, e responsabilidade social.

O Selo da ACA ajudará a assegurar que este seja o caso. O Selo da ACA foi desenvolvido com as contribuições de vários parceiros. Um deles foi a equipe de garantia de fornecimento da Intersnack, a qual forneceu uma visão aprofundada sobre os padrões de qualidade, os padrões de segurança dos alimentos e os padrões trabalhistas, de acordo com o exigido pelos clientes europeus. As exigências necessárias para se tornar elegível à aprovação de uso do Selo também incluem aspectos como a prevenção de reclamações dos clientes ou de rejeições causadas devido a infestações ou pela falta de conformidade com o grau de classificação.

A opinião da Intersnack no desenvolvimento do Selo e a sua implantação por um número cada vez maior de processadores africanos é um passo excelente na direção de um setor africano sustentável, eficiente e de alta qualidade. A Intersnack aguarda ansiosa pelo primeiro envio de carga com caju aprovado pelo Selo da ACA.

A Primeira Expo Mundial do Caju gera enorme quantidade de vendas de maquinário de processamento



A Companhia Cao Than Phat do Vietnã fez demonstração de seus equipamentos de ponta para o processamento de cajus

Um grupo grande se reúne em volta de um equipamento pequeno, conversando de forma muito empolgada em meio ao barulho. O objeto de sua atenção coletiva? Uma máquina de descascamento de cajus produzida pela Buddhi Industries. Esta companhia do Sri Lanka foi até a África para exibir, pela primeira vez ao mercado africano, o seu maquinário que produz bons resultados pelo custo e é fácil de usar. Depois da demonstração, os representantes das companhias são rodeados por clientes interessados. Ao final da exposição, a companhia estava tão sobrecarregada pela demanda que teve de parar de receber pedidos de venda.

Pela primeira vez a conferência contou com a Expo Mundial do Caju, uma exposição feita por 30 fornecedores de serviços do caju, associações nacionais do caju e fabricantes de equipamentos, entre elas a líder do setor, a Oltremare, da Itália. Os participantes desfrutaram de amostras de uma ampla variedade de produtos de caju e aprenderam sobre as políticas e os programas de governo que apoiam o setor do caju. Três expositores de maquinário mostraram e venderam tecnologia de ponta para descascamento, despeliculagem, classificação e empacotamento, impulsionando os investimentos na atualização e na expansão do processamento na África.

“A Expo Mundial do Caju é uma grande oportunidade para os processadores de caju e os investidores de todas as partes do mundo para se encontrarem e fecharem negócios com fabricantes de equipamentos e fornecedores de insumos e de serviços”

“A Expo Mundial do Caju é uma grande oportunidade para os processadores de caju e os investidores de todas as partes do mundo para se encontrarem e fecharem negócios com fabricantes de equipamentos e fornecedores de insumos e de serviços”, disse um processador que estava participando da conferência. Os fornecedores de equipamentos estavam impressionados com a demanda que houve por seus produtos. Um dos expositores, a companhia Cao Thanh Phat do Vietnã, descreveu a expo como “uma oportunidade para apresentar aos nossos valiosos clientes as nossas soluções para o processamento de cajus... Nós acreditamos que a nossa experiência nos ajudará a desempenhar um papel no desenvolvimento do processamento de cajus em geral e, especificamente, na África”.



Os participantes da Expo pegam amostras de cajue um dos estandes dos vários países presentes

Gillian Epule ingressa na ACA como Conselheiro do Selo da ACA : Um entrevista com a “Cara do Selo da ACA”



Qual é a sua experiência na área de segurança dos alimentos?

Eu obtive um diploma de pós-graduação em Controle de Segurança e Qualidade dos Alimentos pela Universidade London South Bank. Desde então, eu trabalhei por mais de dez anos no setor de fabricação de alimentos no Reino Unido, desde o gerenciamento de programa de treinamento a diversos postos como Gerente de Garantia de

Qualidade nas áreas de alimentos refrigerados e comidas prontas. Um pouco antes de ingressar na ACA, eu completei uma Certificação Superior em Inspeção de Instalações de Produção de Alimentos.

O que a atraiu para o posto de Conselheira do Selo da ACA?

Eu vejo a África como um lugar onde habilidades como as minhas são muito necessárias. É uma oportunidade maravilhosa para usar o meu treinamento de uma forma que pode produzir um efeito real sobre a educação das pessoas e na formação da maneira de pensar. Além disso, eu me senti muito atraída pela ACA, já que ela é uma organização baseada na África que capacita elementos-chave do setor africano, o que também combina muito bem com a minha filosofia de desenvolvimento pessoal.

Qual papel você desempenhará no programa do Selo da ACA?

Eu sou a cara do Selo da ACA, sendo assim, eu principalmente trabalharei muito próxima aos processadores de caju, a fim de ajudá-los a entender as muitas formas com que o programa do Selo adiciona valor aos seus negócios. Eu me vejo como educadora, defensora e implantadora.

Quais são as suas impressões sobre o estado atual da segurança dos alimentos / da qualidade no setor africano do caju?

Eu tenho muita esperança. Eu vejo muito empenho por parte do gerenciamento, o que é extremamente importante. Esta motivação é um sinal positivo, o qual indica que conseguiremos trabalhar juntos para fazer as coisas acontecerem para o caju africano.

Qual você acredita ser o impacto mais significativo do Selo da ACA sobre o setor do caju na África e internacionalmente?

O meu objetivo com o Selo da ACA é, no final das contas, mudar o comportamento entre todos os que trabalham no setor do caju, o que vai causar impacto sobre como a segurança e qualidade dos alimentos é vista. A partir disso, muitas coisas começarão a fluir naturalmente: melhorias na qualidade, aumento na eficiência e uma competitividade global maior.

O setor do caju do mundo todo se une através da Força-Tarefa Global do Caju

Entrevista: Pino Calcagni, Vice-Presidente da CIC e Presidente do Comitê Científico e de Assuntos de Governo



Pino Calcagni apresenta a GCTF na Conferência Anual da ACA em Banjul

Como o Senhor se envolveu na criação da Força-Tarefa Global do Caju (FTGC)?

A CIC (Fundação do Conselho Internacional de Amêndoas e Frutas Secas) recebeu uma solicitação feita pelos principais atores do setor de castanhas de caju nos países produtores para considerar a possibilidade de harmonização das pesquisas clínicas e nutricionais, bem como dos padrões de qualidade no mundo todo. Desde a crise de 2007 nós estamos trabalhando ativamente nesta tarefa.

Em sua opinião, por que há a necessidade de um grupo mundial do setor como a FTGC?

É muito simples: as castanhas de caju são a terceira castanha de árvore mais importante em termos de quantidade e valor (mais de 500 mil TM de amêndoas-base), só são ultrapassadas pelas amêndoas e as nozes. Elas estão espalhadas por quatro continentes e possuem um alto apreço por parte dos consumidores. Além disso, elas representam plantações ideais e florestas para proteger o ambiente natural.

O comitê diretivo da FTGC recentemente teve a sua primeira reunião em paralelo à Conferência da ACA em Banjul, na Gâmbia. Quais foram as suas impressões desta reunião? Onde as suas expectativas foram cumpridas?

A reunião foi muito proveitosa e construtiva. Houve um consenso geral sobre as ações a serem tomadas e um ambiente muito amigável entre os países produtores e consumidores: os 2 polos para que se tenha um projeto bem sucedido!

Quais serão as primeiras prioridades para força-tarefa durante os próximos anos?

1. Avaliar as tendências mundiais de produção e de consumo de caju e promover o crescimento com um equilíbrio entre o suprimento e a demanda.
 2. Conceber e gerenciar um logotipo comum para o caju, com o objetivo de ser usado em publicidade, propagandas e promoções.
 3. Estudar e promover o uso e o consumo de caju através de plataformas apropriadas no mundo todo.
 4. Estudar o perfil nutricional do caju, a fim de determinar as plataformas de saúde adequadas e possíveis declarações de benefícios à saúde, além de validar esses benefícios através de pesquisas científicas que incluam testes clínicos.
 5. Lançar um programa de atividades para disseminar e publicar no mundo todo mensagens de saúde relacionadas ao caju.
- Todos os pontos são muito importantes e a CIC possui os recursos humanos e os instrumentos para abordar de forma eficiente estas tarefas.

Qual o impacto específico sobre o setor global do caju que o Senhor espera ver por parte da FTGC?

Espero que ela ajude o setor a crescer gradualmente e a melhorar a produção para que ela possa suprir o aumento da demanda global de caju e melhorar o valor agregado. O impacto social também é importante, já que o setor do caju é, entre as castanhas de árvores usadas na indústria global, a que mais exige dedicação de recursos humanos.

Qual o papel que o Senhor prevê que a ACA desempenhe dentro deste grupo? Por que é importante que a África esteja representada?

A ACA é um ator muito importante, já que ela representa os principais países produtores da África no Oeste e no Leste. A África em si é a maior área de cultivo de caju no mundo. Além disso, há a necessidade social de todo o continente africano melhorar a qualidade e facilitar o livre comércio.

A ACA reforça a sua presença na Tanzânia através de parcerias com entidades nacionais do setor



Os representantes da ACA, do Conselho da Castanha de Caju da Tanzânia e da Associação de Processadores de Caju da Tanzânia depois de assinarem o ME

na Tanzânia. As três associações concordaram em colaborar para promover os investimentos no setor do caju e sediar pelo menos uma reunião de elementos-chave por ano.

Em especial, o ME coloca o seu foco sobre o compartilhamento de conhecimento entre parceiros e intercâmbio das melhores práticas entre a África Oriental e Ocidental. A África Meridional e Oriental (Quênia, Tanzânia e Moçambique) processa cerca de 30% do caju colhido na região, muito mais do que a África Ocidental, a qual só processa entre 5% e 8% de sua colheita. Portanto, há muito potencial a partir das lições aprendidas naquela região que pode ser transferido para a África Ocidental. Por outro lado, a África Oriental, que viu volumes de safra pequenos e estagnados nos últimos anos, pode se beneficiar enormemente do conhecimento que a África Ocidental possui a partir do rápido crescimento de sua produção.

Minata Kone eleita para o Comitê Executivo da ACA

Durante a 6ª Conferência Anual da ACA em Banjul, houve eleições para preencher uma vaga no Comitê Executivo da ACA deixada pelo Sr. Cherif Hibrahima, o Ex-Presidente da ACA que faleceu em março de 2011. Os membros principais da ACA elegeram Madame Minata Kone para preencher a vaga.

Madame Kone, uma processadora de caju de Burquina Fasso, é membro ativo da ACA desde a sua criação. Depois de conseguir um Diploma Universitário de Tecnologia em Documentação pela Universidade de Dacar, no Senegal, ela trabalhou por 15 anos como funcionária no Ministério da Agricultura de Burquina Fasso. Desde 1995 ela é empreendedora, trabalhando com vários projetos relacionados a castanhas de caju in natura, transportes e trabalhos em metal, antes de se decidir a voltar a seu vilarejo para contribuir com o seu desenvolvimento.



Minata Kone durante a 6ª Conferência Anual da ACA

Em 2003, ela criou a Sotria-B, uma firma de processamento de caju. Sua fábrica foi inaugurada em 2006 em Banfora e atualmente exporta os seus produtos para o mercado dos EUA.

Madame Kone é a Presidente do Comitê Nacional da ACA em Burquina Fasso desde o seu surgimento e, através deste posto, já contribuiu enormemente para a organização do setor do caju no país. Ela está muito empolgada por poder ajudar a conduzir a estratégia geral da ACA através de seu novo posto no Comitê Executivo.

Os produtores de caju africano ganham voz na imprensa internacional: Viagem de imprensa para conhecer a Iniciativa Africana do Caju no Gana

Claudia Schuelein, ACi

Em setembro de 2011 a Iniciativa Africana do Caju (IAC) recebeu a visita de um grupo de 10 correspondentes internacionais e repórteres muito conhecidos de vários meios de comunicação internacionais impressos e on-line. A viagem de imprensa foi logisticamente apoiada pela SAP e a IAC e foi o resultado de forte interesse e demanda por informações sobre o projeto por parte dos círculos de mídia. Durante a viagem de uma semana a Acra e em visitas às regiões produtoras de caju no norte do Gana, os jornalistas obtiveram uma visão aprofundada sobre o mundo multicolor da produção de cajus e do processamento na África Ocidental. Um dos principais pontos de interesse envolveu a cooperação entre a Cooperação Internacional Alemã (GIZ) e a SAP, uma das principais companhias de software da Alemanha. Através deste projeto-piloto, os produtores de caju do Gana usam aplicativos de telefone inteligente para escanear os sacos que foram enchidos com caju. Isto lhes dá controle melhor sobre a produção e a entrega de castanha de caju, o que resulta em uma posição de regateio melhorada e uma renda maior. (Por favor, veja o boletim de notícias da ACA de agosto de 2011 para obter maiores informações sobre o projeto da SAP). A viagem resultou em vários artigos – os links podem ser encontrados na seção “Artigos de Jornal sobre a IAC” no endereço:

<http://aci.africanshewalliance.com/eng/downloads.html>



Jornalistas internacionais visitou agricultores e processadores de caju no Gana

O processamento da fruta do caju cria renda adicional e nutrição para os grupos de produtores rurais:

A IAC publica estudo sobre o subproduto do caju

Claudia Schuelein, ACi

Duas mulheres locais correm para cá e para lá dentro de um galpão de concreto em Bobo Diulasso, na região de cultivo de caju de Burquina Fasso. Elas usam luvas protetoras e redes de cabelo enquanto cortam pequenas frutas amarelas de caju, processando-as em um moedor e operam uma máquina extratora de suco. Estas mulheres são membros da cooperativa local de produtores rurais, a qual não só vende castanhas de caju a processadores locais, mas também produz suco a partir da fruta do caju. A cooperativa fornece treinamento e equipamentos para mulheres selecionadas e compartilha os lucros entre os membros que entregam as frutas do caju. “Até o ano passado nós não usávamos as frutas do caju. Depois da temporada de colheita, elas estavam todas amontoadas nas plantações de caju e somente as cabras as comiam”, uma das mulheres explica. Quase a totalidade dos 10 bilhões de quilogramas de frutas do cajuproduzidas anualmente na Áfricaé desperdiçada, embora o seu processamento não seja tão caro e exista uma demanda local: “Sempre que levamos algumas garrafas do nosso suco para os estabelecimentos locais, elas são vendidas no mesmo dia”, reporta um dos dirigentes da cooperativa.



Frutas do caju prontas para serem processadas e transformadas em suco

Contudo, o número de processadores que buscam processar este subproduto de forma viável é muito limitado. Os produtores rurais nem possuem conhecimento sobre como colher, armazenar e transportar adequadamente as frutas que se decompõem rapidamente, nem sabem como conseguir fundos para estabelecer unidades de processamento de propriedade coletiva. A falta de conhecimento dos produtores rurais sobre o valor da fruta e a capacidade de ser processada e transformada em uma variedade de produtos como o vinho, sucos e produtos de padaria, resulta em perda de uma grande oportunidade.

A situação é diferente no Brasil, onde os produtores rurais e os processadores já reconheceram o enorme potencial das frutas do caju e exploram as possibilidades de processamento da fruta. Pelo menos 15% das frutas do caju são usadas para uma variedade de produtos com valor agregado. Procedimentos claros para a coleta e o manejo das frutas do caju no pós-colheita estão estabelecidas e os produtores rurais são treinados. O suco da fruta do caju – localmente conhecido como cajuína - é famoso, saudável e uma bebida saborosa para milhões de brasileiros.

Seguindo o exemplo do Brasil, a IAC também quer aumentar o uso dos subprodutos do caju, especialmente o de frutas do caju processadas e transformadas em suco, o que trará vantagens consideráveis para diversos grupos populacionais. Há grandes oportunidades de aumento de renda: os produtores rurais e as cooperativas (compostas por pelo menos 50% de mulheres) se beneficiarão de rendas e de níveis de rentabilidade maiores, bem como de oportunidades para investir em novos mercados

especializados que ofereçam margens de lucro maiores. A economia regional será reforçada e novas oportunidades de emprego podem ser geradas. Além disso, o suco da fruta do caju, devido a sua abundância em vitamina C e outros antioxidantes, tem o potencial de se tornar uma parte saudável da dieta africana, prevenindo a subnutrição, especialmente em crianças.

Para destacar a oportunidade que as frutas do caju podem trazer aos produtores de caju na África, a TechnoServe, em nome da Iniciativa Africana do Caju, conduziu dois estudos que colocaram o seu foco sobre os subprodutos do caju, os quais já foram disponibilizados.

Acreditando fortemente no enorme potencial do processamento da fruta do caju, a IAC continuará a aumentar a conscientização para encorajar os produtores de caju africano a investir neste mercado futuro. Por esse motivo, a IAC está completando um estudo de viabilidade para alavancar o processamento das frutas em Burquina Fasso e no Benim. Além do mais, os produtores rurais, bem como as cooperativas, serão treinados em boas práticas e no processamento das frutas do caju. Planeja-se estabelecer centros comerciais de processamento próximos às plantações, a fim de criar vantagens quanto à localização.

“O que nós jogávamos para os animais até há pouco tempo, agora permite que eu possa consertar o telhado da nossa casa depois da temporada de chuvas – Eu estou absolutamente convencida dos benefícios da produção de suco de fruta do caju”, disse uma trabalhadora antes de voltar novamente as suas atenções para a máquina extratora. Por favor, descarregue o estudo sobre o subproduto através do endereço: <http://aci.africanshewalliance.com/eng/downloads.html>

Calendário do Caju em 2011-2012

Por favor, entre em contato com a Secretaria da ACA para participar de qualquer um dos eventos, contribuir com ideias ou acrescentar algum evento ao calendário do caju.

Dezembro de 2011

- 1-2 Cúpula do Caju Nacional na Nigéria
Lagos, Nigéria
- 1-2 Conferência sobre a Importação de Castanhas de Árvores na China
Guangzhou, China

Janeiro de 2012

- 13-16 Convenção Anual da PTNPA (Associação dos Processadores de Amendoins e Nozes de Árvores)
Orlando, FL



Contate-nos

aca@africanshewalliance.com
ou ligue para +233 302 77 41 62
www.africanshewalliance.com